

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 3 DE JULHO DE 1886

VOL. II-N. 79.

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## SECRETARIO

ARTHUR MENDES

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL
Historia dos sete dias.....	A. L. VIEIRA.
Palestras femininas.....	J. VILLA MARIA.
Questão grammatical.....	H. DE MAGALHÃES.
Seu lenço, soneto.....	FISCHIO.
Casos patuscos.....	BIBIANO.
Cofre das graças.....	G. MONTEIRO.
Um cura, poesia.....	V.
Gazetilha litteraria.....	P. TALMA.
Theatros.....	P. VERON.
Carnaval da Historia.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	R. SYLVIA.
Tratos e bóla.....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

#### PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Que a « historia dos sete dias » d'A *Semana* nunca foi escripta de modo a satisfazer todas as exigencias dos leitores, que, naturalmente, querem nella encontrar elegancias de estylo, fluencia de linguagem, um pouco de grammatica e muitas pilherias — isso obriga-me a confessal-o a minha reconhecida modestia.

Todavia, devo dizer que muitas vezes lhes tenho dado tudo quanto posso extrahir das minhas variadas aptidões litterarias. (O leitor tem cinco minutos para admirar mais uma vez a minha supradita reconhecida modestia...) Hoje, porém, um singular embotamento de espirito, determinado por grande fadiga de corpo, priva-me de liberalizar aos meus captivantes leitores as galanices fulgurantes da minha prosa. Imagine-se que volto de uma viagem ao centro de Minas, viagem de tres dias de caminho de ferro, á grande celeridade, celeridade que attingio a 72 kilometros por hora!

A *Semana* foi honrada pela directoria da Companhia Estrada da Ferro Leo-

poldina com um convite para assistir á inauguração do prolongamento da linha até Piranga e á do novo ramal do Pomba. Iam suas magestades imperiaes e d'ahi a irregularidade da viagem, porque o imperador queria vér tudo e de tudo indagar em toda a parte.

Estou antevendo a cara do leitor, assustado por temer que eu lhe vá dar a estopada da narração da viagem. Pois descanse, que o não aggredirei de tal modo; isso fica para um artigo especial do proximo numero. Justifico o meu procedimento: consignei o facto da inauguração do prolongamento da Leopoldina, por ter sido um dos mais importantes da semana. Isso, que pareceu um incidente, foi praticado de animo feito e resolução desesperada... mas previa.

Partio no domingo para S. Paulo a grande e illustre Sarah Bernhardt.

Por este motivo acalmou-se a vozeria ácerca do conflicto Noirmont. Ainda bem. Depois da exigencia de setenta contos, como indemnisação da pancadaria que allega a queixosa ter apanhado, esta questão descera ao extremo circulo infernal do ridiculo. A Sra. Noirmont não se importa de apanhar bordoadas com tanto que lhe paguem. Armazem de pancadas, consoante a propria confissão e queixa, ella encarega-se de receber as sevicias, os soccos e as chibatadas de quem mais dér. Põe a integridade do seu vulto em almôda. Tem resignação de sobra para soffrer a ira e a colera de quem quer que seja. Isto é original e patusco, mas aqui no Rio de Janeiro não péga. E' bom, mas é muito caro. Setenta contos é uma fortuna, e se houvesse quem os offerecesse para ter o prazer de prodigalizar sopapos, haveria por cá muita gente para os apanhar.

O caso é que a Sra. Noirmont conseguiu meia hora de ruido com o escandalo que provocou. Quem procedeu menos acertadamente e com verdadeira infantilidade em tudo isto foi o nosso publico. Elle discutio a coisa como se a coisa tivesse importancia. Houve quem por causa d'isso se lembrasse de propôr a varios amigos uma pateada a Sarah Bernhardt, como se o publico, para julgar a artista precisasse ou devesse medir os actos da mulher. O publico nada tem que vér com a vida particular dos artistas. O que se passa entre bastidores não é da competencia do espectador. Se Margarida Gauthier e Armando Duval se amam apaixonadamente em scena, que nos importa que Sarah e Garnier se insultem e se engaiñhem na caixa?

Não vamos ao theatro julgar a senhora Sarah Bernhardt, vamos julgar a actriz Sarah Bernhardt.

A não attendermos a este vulgar principio, principalmente tractando-se de Sarah Bernhardt — que tambem é pintora e esculptora — poderiamos cahir no excesso de dizer, depois de assistirmos ao colossal trabalho da *Phedre*, que Sarah Bernhardt *desempenhou* muito mal vista da bahia de Botafogo,

ou que disse pessimamente o busto em gesso do nosso velho imperador.

Talvez que para muitos espiritos rebeldes ao soberano dominio do talento isto não chegue a ser um disparate. Talvez... Nós é que não tencionamos penetrar nessas pavorosas cavernas da imbecilidade humana.

Facto de conclusões semelhantes ás d'aquelle que acabamos de tractar deuse na noite de quarta-feira, no theatro D. Pedro II. Tambem ali o publico exorbitou dos seus direitos pateando escandalosamente o maestro Superti, por elle ter tomado o logar de regente da orchestra, até então occupado pelo maestro Leopoldo Miguez. Espalharase que o maestro Miguez despedira-se do seu honroso logar por causa de intrigas armadas pelos professores da orchestra e isso foi bastante para levar o publico das galerias a desfeitear um artista de merecimento. Não teve rasão o publico; e ainda menos a teve para patear o Sr. Rossi, quando este veio declarar que tinha uma carta do Sr. Miguez em que este se despedia de regente por lhe não permittir a sua saude continuar nessa posição. Ora, desde que o publico soube que o Sr. Miguez se despedio por falta de saude, devia aceitar aquelle que o empresario designara para substituil-o. Além d'isso o Sr. Rossi podia mesmo ter despedido, desde que o fizesse com delicadeza, o maestro Miguez. E' possivel que os serviços do nosso illustre compatriota não conviessem á empresa. Havia mesmo um motivo mais positivo: todos os jornaes haviam notado no maestro Miguez defeitos de regente; acusaram-no de falta de energia na direcção dos professores e de outras trapalhadas technicas de que não entendemos patavina. Sendo assim, e considerando-se os jornaes órgãos da opinião publica, poderia o Sr. Rossi ter substituido o maestro Miguez em attenção ao proprio publico.

E note-se que uma despedida d'esta ordem não importa desconsideração ao despedido. Sabemos que ha grandes musicos que são pessimos regentes. A reputação artistica do Sr. Miguez, confirmada por notabilidades europeia, nada soffreria com isso. Depois, um empresario pôde despedir ou admittir quem quizer.

O direito do espectador não pode passar da exigencia de bons espectaculos: o publico pode e deve exigir que a orchestra seja bem dirigida; se o não era pelo Sr. Miguez, visto que os jornaes o censuravam, o publico devia censurar o empresario quando verificasse que o novo regente era peor que o primeiro. Reproval-o e desfeiteal-o *á priori*, sem ter assistido ao seu trabalho, é, pelo menos, uma iniquidade. E esta iniquidade resulta da interferencia que o publico quer ter nas questões de bastidores e nos negocios internos da empresa.

Foi de 174 o quociente dos votos para a eleição municipal. Este numero é

bastante eloquente para a apreciação da lei Saraiva.

No momento, porém, nada temos que ver com isso. Foram eleitos em primeiro escrutínio apenas cinco vereadores, cremos que todos abolicionistas. Mas o facto mais eloquente foi o da eleição do Sr. José do Patrocínio, redactor da *Gazeta da Tarde*, candidato abolicionista e republicano.

José do Patrocínio é a consubstanciação da idéa abolicionista; a sua eleição importa uma grande victoria do partido da abolição dos escravos. Ainda bem que o povo poude dar uma manifestação positiva das suas opiniões. Este importante caso, muito mais politico do que parece, alegrou-nos immensamente e damos sinceros parabens ao eleitorado da Côte pela sua nobre isempção.

E agora, que já enchi 11 tiras, posto-que as deixasse vazias de interesse, deponho resolutamente a penna, cofio o bigode, enxugo a fronte suarenta, deixo a retorta do trabalho honrado—e vou-me á brisa faguira que está ali fóra perpassando entre a folhagem do arvoredor, onde o sabia sempre canoro, desata em notas suavissimas a sonora melancolia da tarde.

Ai, que poesia!

FILINDAL

A verdadeira sciencia e a verdadeira religião são irmãs gêmeas, e a separação de uma da outra provoca fatalmente a morte de ambas.

HUXLEY.

## PALESTRAS FEMININAS

AS FLORES

As maiores alegrias de uma casa são as crianças e as flores.

Infelizes os que não podem ou não sabem assistir ao desabrochar d'essas duas odorosas existencias!

Como deve ser insípida, triste mesmo, uma habitação sem jardim, sem um quadrado de terra, onde se possa cultivar, ao menos, uma roseira?

Flores! Muitos vos cultivam mas nem todos vos entendem.

A's flores são: a primeira alegria da infancia, o primeiro perfume da adolescencia, a primeira ambição da noiva, o symbolo do amor, a mensageira da esperanza ou da saudade, o adorno do tumulo!

A's veze e mesmo, a sua chegada annuncia o eterno luto!

Um facto: O noivo de uma amiga que perdi, disse-lhe ao despedir-se para uma viagem—com que esperava prender a vida, que ameaçava fugir-lhe—apezar da suprema ventura de ser amado: «Não chores ainda; de hoje a tres mezes receberás flores; se forem rosas, engrinalda-te, ri, serão o prenuncio da volta, da felicidade sem termo, e quero, ao chegar, prendel-as ao teu vestido de noiva... mas... se forem *martyrios*, chora então, e pede a Deus, anjo, pelo teu noivo morto!» Partiu. Tres mezes depois chegou o promettido symbolo. Que bater de coração! que pallidez e que indecisão. que lagrimas e que sorriso, ao abrir a mysteriosa caixa que o continha!

As flores eram... *martyrios* e a virgem chorou, chorou... durante sete

annos, não passando um só dia sem beijar e contemplar aquelles tristes e resignados mensageiros da morte!

Deus, compadecido, chamou a si a minha doce amiga; e é consolador pensar que hoje a enfeitam as rosas brancas e puras da eterna primavera, ao lado do noivo idolatrado!

Outro facto não menos tocante: Tenho uma outra amiga que, ha oito annos, cultivava uma roseira na janella do quarto em que lhe morreu a mãe, porque a santa senhora conservava ali aquelle arbusto desde que perdera o esposo, que, ao sentir-se morrer, lhe pedira que pela ultima vez enfeitasse as tranças com uma rosa igual á que tinha naquelle formoso dia em que juraram amar-se... e expirara, murmurando:

«Como és bella assim!» Branca tinha então nove annos; hoje tem 20, e essa herança de amor já é venerada pelos seus dous filhinhos, que intitularam a roseira do quarto da avósinha—Roseira da Saudade.

Quem ha que não tenha estremecido e sentido mesmo humedecerem-se-lhe os olhos, ao encontrar, religiosamente guardadas, murchas flores, de tempos mais felizes, recordando—uma, um triumpho, outra, uma despedida cruel e ás vezes eterna!

As flores, companheiras do berço ao tumulo, fazem-nos sorrir ou chorar, mas consolam sempre.

Chamei resignado o *martyrio*, por parecer ter elle comsigo uma lição de paciencia.

O povo achou-lhe no seio a imagem da mais sublime das resignações; viu em seus estames e pistillos, a corôa de espinhos, as chagas e os cravos do immaculado Martyr do Oolgotha.

Tem o *martyrio*, a suave e dolorida cor do goivo, da saudade e da violeta, flores cujos perfumes subtis nos dão como que a promessa de uma nova vida de indefinida doçura.

Vós todas que sois formosas, quantas vezes não tereis atirado para o fundo do vosso primoroso cofre de joias—perolas, rubins, esmeraldas e diamantes, por julgal-os pallidos adornos para os vossos vestidos de baile, substituindo-os brilhantemente por um ramo de rosas, vermelhas ou pallidas? Quantas vezes ainda, ao esperardes uma pessoa amada, não tereis escolhido as flores mais mimosas, do vosso jardim, as primeiras violetas para lhe alegrar e perfumar a alcova!

Eu, de todos os sabios e colleccionadores, os que melhor comprehendendo são os botanicos. Os naturalistas matam para conservar, os botanicos dão vida. Aos numismaticos, mineralogistas e antiquarios nem sequer admiro.

Sei bem, encantadoras leitoras, que gostaes de flores, mas peço-vos que vos não limiteis a admirar-as de longe, ou a deixal-as murchar num precioso vaso da China, sobre o marmore do vosso toucador; cultivae-as também: vereis com que riqueza de côres e aromas, vos pagarão ellas os vossos cuidados.

A's vezes foge-nos o somno, e começamos a desejar erguer-nos do leito, para respirar mais livremente. Abrimos uma janella que deita para o jardim e, debruçadas, encontramos em cada flôr uma amiga prompta a entreabrir, para nos inebriar, a mystica caçoula dos seus mais reconditos e divinaes perfumes; e ora o heliotropo, o ixora, a madre-silva, o jasmim, ora a violeta, a rosa, a magnolia e a saudade cantam poemas, que já sabiamos, mas que nos enlevam e acalman.

Quem vos não ama, oh flôres, a vós que sois os sorrisos encantados da Natureza em festa!

ADELINA LOPES VIEIRA.

## QUESTÃO GRAMMATICAL

(Vide ns. 77 e 78)

O Sr. J. Villa Maria, habil e modesto professor de lingoas, enviou ao director d'esta folha a carta que em seguida publicamos, sobre a interessante questão suscitada por uma phrase do illustre escriptor Machado de Assis.

Eis a carta:

«A *Semana*, illustrado jornal de que V. S. é muito digno director e proprietario traz, no seu numero proximo passado, entre outros escriptos uteis, que são todos os d'essa folha, uma questão de grammatica, despertada por um trecho do mestre Machado de Assis; e esse jornal, assiduo em disseminar o interesse litterario, e sem duvidar da illustração do grande escriptor, offerece á apreciação de illustres philologos duas phrases curiosas, desejando ouvir de suas opiniões abalisadas um juizo de judiciosa critica. Sem parecer philaucioso, mas sim, por desejar merecer o conceito de V. S. e firmar meus creditos como trabalhador diligente na ardua tarefa do magisterio, ousou pedir-lhe dignar-se de incluir minha humilde individualidade na ultima classe dos que se animarem a provar que *A Semana* constitua uma de suas leituras uteis e scientificas.

Machado de Assis, gloria da litteratura brasileira, desprezando a velha usança prescripta pelos antigos grammaticos, que mandam observar á risca as regras de syntaxe latina, a que se filiam as linguas portugueza, franceza e outras do mundo civilisado, o fez com muita authoridade e gosto.

No primeiro caso teve em vista a excepção da regra de concordancia do verbo com o sujeito claro quando ha um termo ou mesmo uma phrase que o resume; exemplo: *O céu, a terra, os espiritos, deve tudo ter tido um principio. A perseguição, o terror, a morte, a descrença, DESFIGURAR A RELIGIÃO DE Christo* foi quanto conseguiu a ceguira do jesuitismo.

No primeiro exemplo o termo *tudo* resume o sujeito composto, no segundo a oração infinitiva *desfigurar, etc.*, resume também o sujeito composto. As duas phrases de Machado de Assis são: *Tu e o medico são dois empulhadores e tu e o medico são dois mariolas.*

Evitou elle a pronuncia seguida de dois vocabulos homophonos, uma vez que com elegancia podia dar para sujeito do verbo o termo *ambos*, que fica subentendido resumindo os sujeitos em uma e outra oração. Em francez Machado de Assis diria semelhantemente: *Toi et le medecin sont deux grands menteurs, toi et le medecin sont deux grands crocheteurs*, ficando subentendido o termo *tous les deux*.

Em italiano *Tu ed il medico sono dus gran mentitori* subentendendo-se *tutti due*.

Podendo mesmo dar-se aqui, como chave de ouro, o que prescreve o eximio escriptor francez J. Rousseau—*Œuvres complètes*, Tomo IV, pag. 554:—«Não se trata de discutir a legitimidade da phrase de uma lingoa quando se fala ou escreve, e desde que se seja intelligivel tem-se chegado ao fim que é—ser comprehendido; — com uma phrase clara e elegante muito melhor se chegará ao fim proposto.» Rousseau vae mais longe, e affirma a necessidade de se violar as regras da grammatica para se tornar mais luminoso na expressão e censura o purismo d'estes pedantes lin-

guísticos que se fazem vestaes escrupulosas das duras leis da grammatica, em detrimento do bom gosto da linguagem.

Terei muito prazer, julgar-me-hei muito honrado com a acquiescencia de V. S. em publicar a minha humilde opinião.

Côrte, 20 de Junho de 1886.

J. VILLA MARIA. »

## SEU LENÇO

Eureka! tenho em meu poder seu lenço,  
Da purissima côr da Honestidade.  
Trapo gentil, tu tens o effluvio intenso  
De seu lab'io—primor de virgindade!

Por seu pranto infantil—liquido incenso—  
De unguido ser houveste a flicidade;  
E que dormiste muitas vezes penso  
De seu seio na doce cavidade.

O' mimo de brentanha e reuda fina,  
Sinto sua alma em ti,—ó prenda rica,—  
Que me ebrias em ondas olorosas...

Pois é um aroma a alma feminina.  
Rescendes a violeta:—odor que indica  
O espirito das castas e formosas.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

## CASOS PATUSCOS

Eu parto para a Fortaleza, capital do Ceará—(se Deus não mandar o contrario)—no primeiro chavêco que para lá abrir o panno.

Adeus, meus amigos, adeus!

Excusado é tentarem deter-me neste acto—não de desespero: de justa curiosidade.

Que vou fazer ao Ceará—perguntam-me. E' natural a curiosidade de saber que diabo vou eu fazer á capital da provincia cujas entranhas ainda estremecem da honra e do prazer de haverem parido *Zé, Zé Pompeu, Zé—Grupo, Grupo—Zé*; curiosidade tão justa quanto a que para lá me empurra por sobre os verdes mares bravios.

Não se perca em conjecturas ninguem. Por muito, por mais que parasassem não poderiam nunca adivinhar.

E para evitar cephalalgias e as drogas correlativas, eu vou em tres palavras.—*systema fogo, viste, linguica!* (o Dr. Castro Lopes já nos teria explicado a origem d'este dicto vulgar? não me lembro...) *linguica*, dizia eu, explicar-lhes o que vou fazer ao Ceará.

Vou... Não; o melhor é en dar-lhes logo aqui a causa das causas que me estimulam a falar, quero dizer a partir.

E' o seguinte telegramma, transmitido da dita Fortaleza pelo bem conhecido serviço especial d'*O Paiz*:

« FORTALEZA, 30 de Junho.

O presidente Barradas, achando-se em difficuldades para conciliar os dois grupos amigos, mas reciprocamente hostis, em que se acha dividida a assembléa provincial, procurou conciliá-los por meio de um arranjo.

Tendo falhado esse recurso, resolveu adiar a reunião da assembléa para Setembro, communicando essa resolução presidencial ás duas mesas organisadas pelos deputados em dissidencia.»

Sabem com certeza agora o que me leva á Fortaleza:— Vou vêr com os meus olhos, com estes olhos, que me deram Deus e meu pae—ainda mais este do que aquelle—com estes, emfim, que a terra ha de comer, vou vêr os dois « grupos amigos, mas reciprocamente hostis, em que se acha dividida a assembléa provincial » e tambem vou ver Barradas, o *barra*, que teve a sublime idéia de um arranjo para conciliá-los.

Comprehendem o meu empenho extraordinario em vértudo isso.

E' possivel que algum dos meus semelhantes, principalmente se for correspondente d'*O Paiz* algures, tenha visto dois homens—já não exijo dois grupos: sou generoso!—amigos, mas, ao mesmo tempo—*hostis*, e—*reciprocamente*—o que mais é.

Eu, confesso o envergonhadissimo, eu nunca vi; assim, como nunca vi calças pretas—brancas, fitas azues—amarellas, bolas-quadradas, quadradinhos-relondos, imberbes-barbados, calvos-cabelludos, botas.... de entrada baixa etc....

*Hóstis*, diz o meu velho *Magnum Lexicon* que significa inimigo—como substantivo; e que *hostilis*, e—adjectivo,—quer dizer—inimigo, de inimigo. E d'essa opinião—que patifes!—são tambem Vieira, Moraes, Aulette, Faria e outros dicionaristas que não puderam prevér o telegramma do correspondente d'*O Paiz*.

Dois amigos... *hostis*! oh! cumulo dos cumulos!

E além d'isso—reciprocamente! Sim, se os diabos fossem *hostis*, mas não *reciprocamente*, quer dizer: cada um inimigo de si proprio, embora um do outro... Mas reciprocamente... Horror! Imagino as difficuldades em que se vio Barradas para conciliar aquelles amigos, irreconciliavel e reciprocamente inimigos.

Adeus, meus amigos, vou vél-os e abraçar, admirar, contemplar, amar, idolatrar—o Barradas, e—por contrapeso—o correspondente d'*O Paiz*, especialmente *attaché* ao serviço telegraphico d'aquella folha na Fortaleza. Se eu não voltar, sabe-o, amigos meus:—morri de espanto.

FISCHIO

## COFRE DAS GRAÇAS

Sobre a chegada de Sarah Bernhardt publicou um jornal de S. Paulo o seguinte:

«Ella desembarcou e veiu para o Grande Hotel, onde hospedou-se no rico *landeau* de um capitalista d'esta cidade, juntamente com seu filho e uma dama de companhia.»

Sarah Bernhardt hospedada com seu filho e uma dama de companhia em um rico *landeau*—tem graça!

Nathaniel Lee auctor de muitos dramas, (e de quem a Inglaterra não honrou muito a memoria,) acabou a existencia, no hospital dos doudos, em Londres.

Foi ahi que elle compoz a celebre tragedia—*As Rainhas rivaes*.—Escrevia elle essa obra, uma noite, á luz do luar, quando uma nuvem transparente lhe embaciou a claridade. Nathaniel exclamou imperiosamente:—«Jupiter! levanta-te e espevita a lua!»

A nuvem foi se condensando, até que a lua desapareceu inteiramente. Disse então o louco, ás gargalhadas:—Es-

touvado! disse-lhe que a espevitasse, e elle apagou-a!

Distracção de um advogado: Estava o Dr. J., em seu escriptorio, fazendo uma petição; de repente lembrou-se de que precisava mandar buscar uns sapatos que encomendara para a noite d'aquelle dia. Pegou da penna e escreveu este bilhete ao sapateiro: «Sr. Fulano. Queira ter a bondade de mandar os meus sapatos pelo supplicante.»

BIBIANO

## UM CURA

A VALENTIM MAGALHÃES

Acabára-se a festa friamente.  
Mesmo o santo era fraco mitagreiro.  
A aldeia toda entrava novamente  
No seu pobre socego domingueiro.

Era um dia de julho. O padre cura,  
Ladeira acima, guarda-sol armado,  
Ia arrastando a indomita gordura,  
Alagado em suor, desesperado!

Davam-lhe ainda os impetos da zanga  
Que mal poude abafir durante a festa;  
E assoprava, limpando com a manga  
O carão arroxeadado, a larga testa.

Foi o caso:—O vigario, homem frenetico,  
Numa questão chamara-lhe *ordinario*,  
E elle, bravo, a escumar, cego, apopletico,  
Enviara-lhe á cara um breviario!

O sachristão ficou muito enfiado,  
A tremer. Que vergonha num tal dia!  
Foi fechar logo a porta com cuidado:  
Não passasse a questão da sachristia.

O vigario ameaçou, mas teve medo;  
Socego pouco a pouco e não fez caso.  
O cura parecia-lhe um rochedo;  
Um muro seu deixava tudo raso.

Seguiu-se a festa—uma semsaboria.  
O povo nunca viu tal pasmaçeira.  
E o senhor padre cura que teria?  
Berrava o cantochão d'uma maneira!...

Tal fóra o caso. O cura ia a arrastar-se  
Como um teixugo. Ao vél-o, a *Benzedeira*  
Veiu ao portal falar-lhe em confessor-se,  
Por ter comido carne sexta-feira.

Elle chamou-lhe bruta. Era um peccado!  
Fez-lhe um sermão, citando S. Gregorio;  
Recommendou-lhe juizo, mais cuidado,  
Se não queria ir ao Purgatorio.

E, seguindo, aculira-lhe uma ideia:  
Ir visitar o Vasco—o patuscão.  
Achou-o mal, de cama. Numa ceia  
Apanhara uma forte indigestão.

—«Então que é isso?» E o cura, afogueado,  
Limpava o suor.—«Comi, bebi á toa...»  
E, com um riso lórpa e debochado:  
«Pequei, hein?»—«Qual historia! Deus perdoe.»

—«Ben! Nesse caso fico mais contente.»  
E o cura:—«Que calor! Que fogo! Sufa!...»  
O Vasco disse á criada seccamente  
Que lhe trouxesse um copo e tal garrafa.

Elle estava doente: não bebia.  
Mas o cura... Que sede resoluta!  
E o Vasco, a rir-se:—«Como a theologia  
Ensina a pôr uma garrafa enxuta!...»

Porém o cura ergueu-se: — A fome obriga.  
Sopa fria não era saborosa.  
Esperava-c'ha muito a rapariga,  
Uma fresca moçoila vigorosa.

Era a sua alegria e mais a mula...  
Vida tris'e! Depois de dizer missa,  
Ora nos braços tumidos da Gula,  
Ora nos doces braços da Preguiça!...

## II

Oigo dizer a gente malfazeja  
Que este cura nasceu para soldado;  
Que é um vexame a Santa Madre Igreja  
Ter um padre tão bruto e tão tapado;

Que elle diz missa á pressa, engole tudo;  
Que ao latim mais difficil faz caretas;  
E já gritou um dia, carrancudo,  
Que queria bem cheias as galhetas;

Que, indigno, fulmina os detractores,  
E invoca o inferno, o código, a cadeia;  
Mas—ainda suando dos furores—  
Vae descoser depois na vida alheia;

Que elle chama ao amor abertamente  
« Sentimento diabolico, damninho, »  
E vivem por-re, miseravelmente,  
Filhos d'ele, que o tratam por *padri ho*;

Que não teme afirmar uma mentira;  
Que cubiça o alheio e sente inveja;  
Que uma simples questão accende-o em ira  
E promette sopapos e pragueja;

Que elle leva uma vida libertina  
E coma com bestial glotoneria;  
Que é já de fu-ta-cô-ras a batina;  
Que ha de levá-lo ao diabo a apoplexia!

Uma folha já disse com arroj.  
Numa local sacrilega de apupo:  
Aquelle santo cura traz no bojo  
Os peccados mortaes postos em grupo!»

E a mesma ainda disse: (Custa a crer!  
— Como se um enxovalho só não baste.)  
« Este padre-elephante ainda ha de ser  
Içado para o pulpito a guindaste!»

Já que assim livremente se diz isto  
Contra um homem que lida a bem de Deus,  
Vou defender o apostolo de Christo.  
Oçam-me agora os novos phariseus:

## III

Se elle gosta de vinho, se elle come  
Com uma gana soffrega, ruidosa,  
E' que o latim catholico faz fome,  
E a barriga d'um padre é milagrosa...

E não são necessarios bons pulmões  
Para andar nesta azafama sem fim:  
Dizer missa, cantar, berrar sermões,  
Encomendar defuntos em latim?

Elle aconselha esmolas e cilícios,  
Vida santa—e tudo isto é sem disfarce;  
Porque se elle se espoja em certos vicios...  
E' porque tem na mão com que salvar-sc.

Se elle é tambem lascivo como um gato,  
Não vos deve imporfar o que elle faz:  
Ouví-o só... Que preceito de sensato  
D'aquelle sabio e santo Frei Thomaz!

Tem filhos, é verdade; nem eu nego  
Que vivem como sapos numa poça...  
Pois se o pobre mal ginha (O que é ser cego!)  
Para si, para a mula e para a moça!

Abandona-os e deixa-os aos vae-vens,  
A' miseria; porém, se algum morrer,  
Encomenda-o de graça. E quanto ás mães,  
Vae-lhes cuidando da alma. Bem fazer!

Se elle se irrita, é para que se veja  
A indignação de Christo na doutrina...  
Muitas vezes um padre, se esbraveja,  
Quer imitar a colera divina.

E se elle deu na cara do vigario,  
Não vejo agora nisso um máu exemplo;  
Antes foi bom. O Martyr do Calvario  
Azorragou os vendilhões do templo.

Concluindo, é preciso que eu vos diga:  
Se elle vae anafando sempre, em risco  
De vir a ficar todo—uma barriga,  
E' com bom fim, é para bem do aprisco:

— E' que, empenhado vigorosamente  
Em vencer dos atheus a « negra horda, »  
Prova o poder de Deus, mostrando á gente  
Até que ponto um animal engorda.

GARCIA MONTEIRO.

## GAZETILHA LITTERARIA

Estamos auctorizados a noticiar que  
no dia 8 do corrente apparecerá nesta  
Côrte uma nova folha litteraria.

Terá por titulo *A Vida Moderna*; ti-  
tulo escolhido ha annos pelo saudoso  
Arthur de Oliveira para um periodico  
de que apenas publicou... o prospecto.  
*A Vida Moderna* será dirigida por Luiz  
Murat e Arthur de Azevedo e redigida,  
além d'esses, por Jorge Rodrigues, Sou-  
res de Souza Junior, Raul Pompeia e  
Moreira Sampaio. Será editada pela  
casa Lombaerts & C. Esperamola com  
braçadas de flores.

Depois de uma alegre, uma triste no-  
ticia:

Desappareceu *A Quinzena*, aquella ex-  
cellente collega, que se dizia filha d'*A  
Semana* e que tanto prazer lhe dava  
sempre que lhe apparecia.

Teve vida curta, mas honrosa, digna  
e brilhante.

O ultimo acontecimento litterario  
em Paris foi a appareção de *La Fin de  
Satan*.

Em 1857 Victor Hugo assignalava,  
no prefacio da *Legende des Siècles*, o laço  
que, em seu pensamento, ligava o seu  
poema « a dois outros poemas *quasi  
terminados*, que lhe eram, um o desen-  
lace e o outro o começo: *La Fin de  
Satan, Dieu.* »

Continuava dizendo:  
« O auctor não vê difficuldade nenhu-  
ma em entremostrar, desde já, que es-  
boçou na solidão uma especie de poema  
d'uma certa extensão, onde se reflecte o  
problema unico, o *Ser*, sob a sua tri-  
plice face: *A Humanidade, o Mal, o Infinito*;  
o progressivo, o relativo, o absoluto;  
naquillo que se poderia chamar tres  
cantos: *Legende des siècles, Fin de Satan,  
Dieu.* »

Desde 1854, Victor Hugo com effeito  
tinha começado a trabalhar em *Fin de  
Satan* e escreverá quasi todo o drama  
extra-humano, — *Hors de la terre* e todo o  
primeiro livro — *La Guerre*.

Em 1860 continuou esta obra e escre-  
veu-lhe o segundo livro — *Le Gibet*.

Não teve tempo o poeta de escrever o  
terceiro livro, *La Prison*, que compre-  
hendia tres partes: *Les squelettes, Camille  
et Lucile* e *La Prise de la Bastille*.

Mas o conjuncto da epopéa não appa-  
rece menos completo em suas vastas  
proporções, e cada uma das partes ter-  
minadas, *Nemrod, Jésus-Christ*, forma  
um todo tão completo que não se en-  
contra egual em nenhum dos dramas  
que temos das trilogias incompletas de  
Eschylo.

V.

## THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Companhia do Theatro D. Maria II,  
de Lisboa

Com uma concorrência enormissima  
estreiou-se no sabbado, no theatro Re-  
creio Dramatico, a excellente companhia  
do theatro D. Maria II, de Lisboa.

E' preciso dizer, antes de tudo, que a  
primeira companhia dramatica de Por-  
tugal, que é unia das melhores e mais  
completas da Europa, não veio toda ao  
Brazil. Dos primeiros artistas da com-  
panhia, d'aquelles a que a fama dos  
seus triumphos mais tem doirado e re-  
petido o nome, ficaram em Lisboa —  
Brasão, Antonio Pedro, Pinto de Cam-  
pos e Rosa Damasceno.

Os que vieram, porém, têm sufficiente  
merito para constituir um agradável  
*ensemble* e representar brillantemente,  
senão todas, a maior parte das peças  
do repertorio d'aquelle theatro; não  
falando de Virginia e dos Rosas, que  
são artistas notaveis.

Somos dos que acharam mal esco-  
lhida *A Estrangeira* para peça de estréia.  
Esta comedia de Dumas filho é, a nosso  
ver, a mais insignificante, a mais mal  
feita e a mais falsa de todas as peças do  
glorioso auctor do *Demi-Monde*. Não  
tem acção dramatica; não tem situações  
onde a vehemencia de qualquer paixão  
possa impressionar pelo poder absor-  
vente da verdade os nervos do especta-  
dor. Além da falta de interesse epis-  
dico, parece-nos *A Estrangeira* mal tra-  
balhada, singularmente artificial, com  
defeitos de officio, que não estamos  
habituaados a notar nas comedias do  
grande escriptor francez. Ha, por ve-  
zes, dialogos enormes e fatigantes, cujo  
interesse, apesar do espirito sempre  
brilhante da phrase, não chega a de-  
leitar o espectador. Tal o dialogo do  
começo do primeiro acto, entre Mau-  
riceau e Remonin, por exemplo. Raro  
se encontra nos cinco longos actos d'*A  
Estrangeira* uma situação verdadeira  
ou, ao menos, verosimil. Os perso-  
nagens, máu grado a singularissima  
logica de Dumas filho, não vingam at-  
tingir a feição de homens da actuali-  
dade. Mistress Clarkson é tão falsa  
como Mister Clarkson; são dois perso-  
nagens de fantasia; tanto mais para  
notar quanto em um d'elles busca o  
auctor personalisar a raça nova, acti-  
vissima, e perfeitamente pratica da  
grande União Americana.

De resto, o assumpto que nas peças  
de Dumas é de uso chamar-se *these*, não  
tem originalidade nem grande inter-  
resse.

*A Estrangeira* salva-se apenas pelo  
brilhantismo da linguagem e pela con-  
stante torrente d'aquelles encantadores  
absurdos que se chamam paradoxos.  
Fôra d'isso, pôde-se capitular-a de—es-  
plendente banalidade em cinco actos.

Como dissemos, pareceu-nos infeliz a  
escolha d'esta peça para estréia da  
companhia, porque, tirante o Sr. Au-  
gusto Rosa, que tem um bom papel,  
todos os outros artistas não têm nella  
trabalho sufficiente para uma clara  
manifestação dos seus dotes e recursos  
artisticos.

Comtudo vê-se que Virginia é uma  
actriz muito distincta, tem uma voz  
bellissima, bemsoaute, musical, muito  
agradavel de ouvir-se; representou de  
uma maneira sempre correcta o seu  
typo de burguezinha altiva e digna,  
mettida pela imbecillidade do pae no  
meio de uma nobreza de papelão, baixa  
e indigna. Pareceu-nos ser a sobriedade  
a qualidade principal d'esta sym-  
pathica actriz. Faz o que entende que

deve ser feito e nada mais; o quarto acto, por exemplo, dá-lhe ensejo para mais vehemencia e arrebatamento; ella, porém, prefere ser energica na simples e vibraute emissão da palavra, a exagerar-se em grandes gesticulações, a que, geralmente, em scenas taes recorrem artistas de menos comprehensão da verdade da arte moderna.

Augusto Rosa tem o primeiro papel da peça, — o Duque do Septmonts, um fidalgo *blasé*, cynico, embotado por orgias, depauperado e corrupto, mas sempre orgulhoso, correcto e elegante... por tradição de familia. Augusto Rosa representou admiravelmente este personagem; imprimio-lhe um requinte exquisito de galanteria canalha em todos os seus movimentos, acções e gestos. Só não lhe podemos perdoar o trazer ao peito grandes rosas... de panno! Rosas de panno aqui onde as ha tão bellas nos jardins. A flor de panno em um homem é uma cousa — tristissima.

Se se nos permite, faremos a este excellente actor uma ligeira observação; e fazemol-a porque entendemos que a artistas da ordem dos do theatro D. Maria deve-se-lhes dizer tudo, por isso mesmo que tudo se exige d'elles: — Numa scena do quarto acto, cremos, em uma phrase no dialogo com a duqueza, emprega o duque este adjectivo *machiavellico*. O Sr. Rosa pronunciou — *mastavellico*.

É um erro. O adjectivo é formado do nome do grande publicista Machiavel, celebre auctor das *Decadas sobre Tito Livio* e da *Educação de um principe*. Machiavel era florentino; portanto, o seu nome, ou o substantivo e o adjectivo d'elle formado, deve ser sempre pronunciado, respeitando-se o valor do *ch* na lingua italiana — *Machiavel, machiavelismo, machiavellico*.

João Rosa, no insignificante papel de Gerard, soube impor-se completamente ao nosso publico, representando com extrema correcção e muito sentimento; vê-se que é um artista de primeira ordem, que sabe *dizer, estar e ouvir*, sem esforço e sem embaraços. Anciamos por vel-o em papel digno do seu alto merito para lhe fazermos a devida justiça.

São tambem dignos de menção os actores Antunes, que fez com muita distincção a parte do Dr. Remonin, e J. Costa que fez com muita graça o velho pae Maurisseau.

Da Sra. Carolina Falco não obtivemos tudo quanto esperavamos da sua reputação; o momento, porém, não é para ajuizar-nos d'ella; devemos esperar por uma peça em que esta actriz tenha um papel compativel com os seus recursos artisticos, pois que neste do *Mistress Clarkson* está inteiramente deslocada.

Muito apreciavel e gentil pareceu-nos a Sra. Amelia da Silveira; fez muito rasoavelmente o seu papel de marquezeta de Palmiêres.

Baptista Machado fez um. aceitavel *Mister Clarkson*.

A *mise-en-scene* é magnifica e de um capricho a que no Rio de Janeiro só a soube elevar Furtado Coelho.

A traducção da peça, que não sabemos de quem é, não nos pareceu lá muito feliz.

Ha phrases como esta, onde a grammatica passa tão de fugida que apenas lhe podemos lobrigar a cauda do sollecismo: — *Estou habituado a tratarem-me melhor*.

Eis o nosso juizo, a respeito da companhia do theatro D. Maria e da peça que lhe servio de estreia.

Agora só nos resta dar parabens á empresa pelas enchentes que tem tido, e ao publico por ter logrado ensejo de

ver um luzido grupo de bons artistas, representando na nossa lingua tão bem como alguns dos melhores das companhias estrangeiras que nos têm visitado.

## DORA

A nossa terrivel inimiga Falta de Espaço impede-nos de tratar hoje do desempenho d'esta comedia de Sardou, que a companhia portugueza representou ante-hontem.

Podemos dizer sómente que, á parte alguma indecisão e incerteza, foi magnifico o *ensemble*. Todos muito *afinadinhos*, como se diz em gyria de bastidor. Virginia e os Rosas foram, especialmente, applaudidos com entusiasmo.

Hontem segunda representação: segunda enchente do theatro.

Um bello successo.  
No proximo numero falaremos mais de espaço sobre a peça e seu desempenho.

## SARAH BERNHARDT

No sabbado passado deu-nos a companhia franceza a sua ultima récita, antes da partida para S. Paulo.

Representou dois actos de *Frou-Frou*, *Jean Marie*, drama em um acto, em verso, de André Theuriet e *Le passant*, dialogo em verso, em um acto, de François Coppée.

O theatro estava quasi vazio; mas a pouca gente que havia era da nata do nosso publico. Naturalmente por isso é que essa récita foi uma das mais applaudidas.

*Jean Marie* é uma obra prima. O assumpto é simplissimo, mas altamente dramatico e profundamente moral; não d'essa moral dos dramalhões, piegas e convencional, mas da verdadeira moral. Thereza não foge com o seu antigo namorado, de quem é adorado e a quem adora, porque se tal fizesse mataria seu marido, o velho Joel para quem ella é o sol, a vida, o unico pensamento, que procura todos os meios de lhe dar em paz, em conforto, em encantos o que lhe não pode dar em mocidade; Joel que foi o protector, o salvador de sua familia e o noivo escolhido por sua mãe. Thereza resiste heroicamente ao seu immenso amor e deixa partir João Maria para talvez jamais vel-o. E dedica-se toda, toda, com sublime resignação, ao seu marido, o bom e velho Joel.

Que drama admiravel em toda essa singela historia! Que lição magnifica de moral!

E demais — que versos!

Não sabiamos que Theuriet havia escripto tão bellos versos. Elle é sobretudo conhecido como romancista.

Um mimo; superior mesmo a *Le passant*. Sarah desempenhou *à ravir* o papel de Thereza, com tanto sentimento e tanta delicadeza que commoveu o e encantou toda a plateia. Que artista, que artista! Garnier foi perfeitamente no papel de João Maria. Não só o recitou mas tambem o fez muito bem. Teve uma bella entrada em scena, de volta da sua longuissima viagem, e uma admiravel sahida.

Lacroix representou com grande verdade e correcção o seu commovente papel de Joel.

Um triplice triumpho.

Um accidente imprevisto, e que podia ter desastrosas consequencias se não lhe acudissem a tempo, inutilizou o *maillot* do elegante *costume* com que Sarah representava *Le Passant*. D'ahi o resolver a empresa substituil-o por mais um acto de *Frou-Frou*. Grande numero porem de espectadores, tendo á frente Arthur Azevedo, foi pedir á

grande actriz que se dignasse de representar o *Zanetto, en femme*, fosse como fosse, contanto que não deixasse de recitar os versos de Coppée.

Accedeu a gentilissima senhora, dando com isso a mais alta prova de consideração, cortezia e boa vontade á plateia do Rio.

Arthur Azevedo communicou de um camarote o pedido e a acquiescencia — sendo esta recebida com innumeras palmas — e pouco depois subia o panno.

Mlle Malvau fazia a *Sylvia*, a terrivel *aventurière* veneziana, e fel-a esplendidamente.

Sarah appareceu em *toilette* mixta, meio menestrel e meio mulher. A maior prova da superioridade d'esta mulher excepcional está em que, vestida de modo tão extravagante, não despertou o riso em ninguem. Dentro em poucos minutos não havia quem pudesse ver que aquelle *Zanetto* vestia... saia: — estavamos todos deslumbrados pelo brilho dos olhos, dos sorrisos e dos cabellos e adormentados pela musica da voz da grandissima artista.

Ao terminar o delicioso dialogo, rompeu uma estrondosa ovação; houve muitos chamados á scena e uma copiosa chuva de... chapéus sobre o palco.

Sarah estava fatigada, fatigada de trabalhar e de agradecer os applausos, mas tambem estava contente.

Que a consolo da pouca concorrência aos seus espectaculos aquella homenagem estrondosa, prestada pelo que ha de mais distincto na população da Corte e depois da audição das duas peças mais delicadas, mais subtilmente litterarias.

Seja esse o consolo da eminente interprete de Racine e Hugo e a justificação do povo fluminense.

Sarah estreiou-se em S. Paulo, na *Fedora*, a 29 do passado.

Ella, que havia tido uma recepção principesca, ao saltar do trem na *gare*, ás cinco e meia da tarde de 28, teve no palco uma recepção nunca vista na Paulicéia.

Os fluminenses não souberam receber a grande Sarah Bernhardt com a terça parte, sequer, do entusiasmo e da gentileza com que a recebeu S. Paulo.

Raras flores teve ella aqui; raras flores e raras «enchentes»

*Fi la Côte!*

*Hurrah* por S. Paulo!

Não tem fundamento o boato de que Sarah não pretende voltar á Côte, indo directamente de Santos a Buenos Ayres. Não procede a razão de não ter a empresa ganho dinheiro, porque ella espera ganhar-o e muito, o que é natural, com a *Theodora*, cujos scenarios e accessorios chegarão brevemente.

Dadas as cinco recitas em S. Paulo e duas em Santos e Campinas, estará de volta a adoravel Dona Sol.

A Côte, se quizesse penitenciar-se das passadas faltas, devia correr em pezo ao S. Pedro na primeira representação dos espectaculos da nova serie e fazer a Sarah uma ovação na altura de seu merecimento — quer dizer: assombrosa, fantastica, que desse brado pelos tempos e pelos mares fora.

Vamos, minhas senhoras, preparem flores.

Vamos, senhores, *un bon mouvement*: desmintamos Lemaitre, provando-lhe que não somos tão selvagens como elle diz.

Lembre-mos que temos feito ovações extraordinarias a artistas muitissimo inferiores a esta que nos honra e delicia actualmente.

Não deixemos que S. Paulo nos metta assim, tão vergonhosamente—num chillo.

## THEATRO D. PEDRO II

Estreou-se na quarta-feira, com a *Aida*, o tenor Bertini. Sem pretendermos adiantar consa alguma ao que a respeito disseram os nossos collegas da imprensa diaria, diremos, ainda assim, que o Sr. Bertini terá de recorrer ao seu homonymo da *Herva Homeriana* a ver se consegue a extensão de voz necessaria á clave que adoptou... nos programmas. Se não nos fallia o ouvido e se nos é permittida a classificação, diremos que o annuciado tenor é um barytono-cantante; o que, entretanto, nada prejudica muitas qualidades artisticas, que o estreante possui.

A representação do *Fausto*, na segunda-feira, foi um triumpho para a empreza.

Estrearam-se os Srs. Figner, tenor; e a Sra. Mantelli, contralto. Figner, tem uma bella voz, embora de pouca extensão. Mantelli é uma artista distinctissima, com uma voz poderosa, de admiravel timbre; sabe dar uma singular expressão ao canto e é abundante de sentimento. Não é, porém, no papel insignificante de Siebel que a devemos apreciar. Esperemos pela *Marion Delorme*, que se canta hoje. Sabbado tractaremos mais demoradamente d'esta gentilissima cantora.

P. TALMA.

## CARNIVAL DA HISTORIA

FREDERICO, o grande— Houve escriptores francezes que disseram d'elle todo o bem em que eu não acredito.

Melhor para elle; peor para elles.

FRERON—Jornalista que foi mosqueado por Voltaire de feridas mortaes... de que tem vivido a sua memoria.

FURIAS—Desagradaveis personagens da mythologia, que foram substituidas nos nossos tempos pelas beatas, pelas sabichonas, pelas sogras, etc.

GABRIEL (anjo)—Emissario de azas, que interveio n'uma situação... interessante.

GALENO—Aquelle que diz não quando Hippocrates diz sim.

Os medicos conservaram piedosamente esta tradição de tocante confraternidade.

GALILEO—Foi encarcerado por ter constatado que um outro commettera uma falsificação em *Esripturas*.

Exemplo amavel da justiça pontifical.

GALLAND—As suas *Mil e uma noites* deram quasi tantos resultados como as de uma *cocotte* da moda.

GALLICANOS—Sujeitos que se julgavam livres porque substituiam as cordas pelos cordeis.

GARNERIN—O aeronauta que melhor se soube servir do para—quedas.

As suas experiencias não serviram aos auctores dramaticos.

GAULTIER(abbade)—Deu por excepção o máu exemplo de trabalhar em propagar a instrução.

GENGIS-KHAN—Barbaro que procedeu, quando victorioso, quasi tão ferozmente como se fosse civilisado.

GERMANICUS—Os principes quando têm tantas virtudes vivem pouco.

Os seus collegas supprimem-n'os para evitar a comparação.

PIERRE VERON.

## SPORT

## JOCKEY-CLUB

Effectuou no dia 27 do mez passado a execução do programma da terceira corrida d'este anno, com os dois grandes premios—*Ypiranga* e *Criterium*. As corridas estiveram animadas, reinando durante o divertimento a boa ordem, e os pareos foram todos perfeitamente disputados. O programma constou somente de seis pareos, todos elles preenchidos por parceiros de nomeada e quasi todos já conhecidos dos sportmen.

Sahiram vencedores:

No 1º pareo Bayoco, que em 123 segundos bateu facilmente os seus competidores. Nicoafi fez boa corrida: teve o 2º logar. Os outros vieram muito atrasados.

No 2º pareo (2000 metros) Boreas, o mais valente producto nacional, batendo a sua terrivel adversaria Sylvia II, que, corrida de alcance, obrigou-o a chegar ao poste em 135 segundos e fazer algumas *escripturas* por causa das duvidas. Guanaco não correu.

No 3º pareo (2000 metros) ganhou o *Grande Premio Ypiranga*.— Sibylla, em 140 minutos, com immensa facilidade.

No 4º pareo (1609 metros) *Grande Criterium*, em 114 segundos, com alguma facilidade Monitor, que demonstrou ser um meio sangue de futuro e de muito fundo. Flotsam em 2º logar.

No 5º pareo (2500 metros) venceu em 170 segundos e no freio a valente Comtesse d'Olonne. Fanaron teve o segundo logar.

No 6º pareo (1450 metros) bateram-se renhidamente Scylla e Coupon, que, ao virar a recta de chegada, tomou a frente, mas ao chegar, Satan emparelhou-se com elle e estabeleceu nova luta chegando ambos muito juntos ao poste. O juiz de chegada, pela mira, deu como vencedor Satan, em 95 segundos. Satan é animal muito inferior a Scylla e Coupon. São felicidades cavallares.

A's 4 3/4 horas terminaram as corridas.

## DERBY-CLUB

Com um esplendido programma e muito variado realisou no dia 29 do mez passado o Derby-Club a sua 1ª corrida extraordinaria. Os pareos, que foram em numero de oito, ficaram completamente preenchidos por parceiros de todas as classes e foram entusiasticamente disputados. A concurrencia foi extraordinaria, reinando durante o divertimento a mais pacifica ordem e havendo muita regularidade nas horas marcadas para cada pareo ser effectuado Terminou com dia claro o divertimento, apezar de serem numerosos os pareos.

Venceram:

No 1º pareo (1450 metros) Savana, em 102 segundos, mas por *patota* e *muito visivel*, Savana não alcançou, deram-lhe o 1º logar. Zaire teve o 2º logar venalmente; o jockey que o montava soffreu-o e deixou Savana passar. Consta que a digna directoria multou o proprietario do cavallo Zaire, para que factos d'essa ordem não se repitam em desabono da sociedade.

No 2º pareo (1750 metros) a briosa Diva, em 120 segundos, tendo corrido de alcance.

No 3º pareo (1609 metros) bateram-se terrivelmente as duas egoas inglezas fazendo uma velocidade de 102 segundos n'este tiro, tempo que nunca animal algum fez, nem mesmo o Sans-Pareil. Plurnéa e Charybdes foram as glorias do dia, ganhando a 1ª apenas

por cabeça, e teve melhor salida. Os outros animaes ficaram distanciados.

No 4º pareo, (1609 metros) em 112 segundos, Mandarin, Nicoafi, que era o favorito, mostrou estar correndo um pouco constringido pelo jockey, que tal, etc: ... e teve o 4º logar. Teve o 2º logar Biscaia, que tambem não mostrou boas disposições a ganhar. Queriam todos o Mandarin na ponta..... Aurora, com tanta tristeza, sumiu-se. Araby tratou de colher, pelo caminho as malas que havia.

No 5º pareo (2000 metros) Comtesse d'Olonne, em 132 segundos, com bastante facilidade. Gaudriole fez má figura, continúa a desgarrar, cousa que adquiriu ha certo tempo para cá.

No 6º pareo (2000 metros) o valente Boreas, em 136 segundos, que apenas fez um passeio apressado.

No 7º pareo (1609 metros) em 114 segundos, Boyardo, que ha muito tempo não dava um ar de sua graça.

No 8º pareo (1450 metros) em 100 segundos, Intima, fazendo boa corrida, seguida por Iyon.

Não tivemos hoje espaço sufficiente para um *compte-rendu* mais detalhado.

Estão annunciadas para amanhã as corridas do Jockey Club, que deviam ter sido effectuadas a 13 do passado. O programma soffreu augmento para mais um pareo e assim offerece maior margem para os palpitistas certos. Cuidado! o deus Azar está terrivel!

L. M. BASTOS

## TRATOS Á BOLA

Ha muito que não inseriamos esta secção por ter o seu redactor, o mirabolante e aphorismatico Frei Antonio, se recolhido á cella (com c, senhor typographo!) Mas uma interessante e intelligente senhora, uma das mais jovens e bellas flores do nosso *high-life*, offereceu-nos no ultimo baile do *Club do Engenho-Velho* umas charadinhas graciosas. Aceitámol-as. Aqui vão ellas. Quem as matar, receberá de premio um livro, mas um livro bom *como quê*. Obri-gados a *Rhêa-Sylvia*.

Quem as decifra terá um bom premio.

Atenção:

## CHARADAS

E' esta criada  
Catita, faceira,  
Que vejo na bica  
E' sempre a primeira—1

Aguarda seu noivo  
Que traja a capricho,  
E faz-lhe presente  
Da pelle d'um bicho.—2

Em paga elle quer  
Um beijo lhe dar,  
Porém ella foge  
E põe-se a gritar,

Que nome lhe chama  
Não posso dizer.  
Decifra a charada  
Que o has de saber.

2—1—1—1—1 Cessa de passeiar!  
Estuda nos livros esta letra ingleza,  
que é a base das contracções, e está sob os nossos pés.

1—2 E' branca a arma indigena de que usão os criminosos.

1—2 De duas uma, ou não está na morte, ou não tem certeza.

2—2 E' caprichosa e forte para representar.

RHÊA SYLVIA.

## FACTOS E NOTICIAS

Pelo Sr. Firmino Bevilacqua foram nos enviados dois trabalhos de grande merecimento e de grande utilidade para as escolas. O primeiro é um grande quadro synoptico demonstrativo das horas nas principaes cidades do mundo quando é meio dia no Rio de Janeiro; e o segundo é uma bella photographia onde se acha cercado de relógios o retrato de S. A. Imperial, sem que saibamos por que razão. Nesses relógios, além das horas comparadas de todas as capitaes das provincias do imperio, lê-se qual a capital, a população, a fundação e a exportação da provincia que cada um representa.

Ao lado d'esse trabalho achia-se a petição dirigida pelo auctor ao corpo legislativo para que seja elle adoptado nas escolas.

E' de muita utilidade, como dissemos acima, e especialmente para as escolas primarias porque assim mais facilmente poderão as crianças comprehender as differenças de latitude entre as diversas provincias.

Oxalá que alcance o seu desideratum quem pelo seu estudo e boa vontade se torna credor de todas as protecções.

A bordo do *Magellan* chegou de Portugal o Sr. major Chaves de Aguiar, membro e representante da empresa do *Diccionario Encyclopedico Portuguez Illustrado*.

Este cavalheiro vem ao Brazil diffundir essa obra, que se nos antolha da maior utilidade, se attendermos á vastidão do programma do *Diccionario* e ás vantagens que proporciona ás pessoas que desejarem adquiril-o.

Vê-se de um prospecto que temos á vista que o custo de cada fasciculo de 48 paginas, formato grande, bom typo e bom papel, é, para o Brazil, de mil réis, sendo gratis os fasciculos que excederem os 60 em que a obra está calculada; gratis serão tambem os atlas que se distribuirem no fim da publicação de cada um dos tres volumes em que se divide o diccionario, devendo estar todo concluido em Julho de 1889.

Desejamos ao Sr. major Chaves de Aguiar boa compensação aos esforços que vae empregar para a propaganda do *Diccionario Encyclopedico Portuguez*.

## CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

No dia 29 do passado effectuou este club mais uma de suas tão sympathicas festas.

Esta, devido talvez ao grande numero de diversões do dia, não teve a concurrencia das anteriores; no entanto viam-se ali os *habitués* d'este genero de divertimentos e muitas familias.

Os pareos a pé foram renhidamente pisputados por habeis corredores, e os em velocipede que, parece-nos, cahiram de vez no *gosto* do publico, effectuaram-se na melhor ordem, tornando-se notavel entre esses pareos o 8º, em que o habil velocipedista L. Azevedo bateu o seu competidor, a quem dera 310 metros de vantagem.

Parabens ao club, aos vencedores e ao publico que teve o bom gosto de lá ir.

## RECEBEMOS

— *A Propaganda*, ns. 1 e 2, órgão republicano que enceta a sua publicação na cidade de Juiz de Fora. Muitos assignantes.

— *Revista Republicana*, n. 5, S. Paulo.  
— *O Relampago*, ns. 1 e 2. Publicação quinzenal. Estação do Commercio.  
— *Zig-Zag*, n. 17. Publicação hebdomadaria, S. Gabriel. Rio Grande do Sul.  
— *A Luta*, n. 1. Porto Alegre. Revista mensal. Parecida com *A Semana*; parabens e prosperidade.

— *O Herito* n. 2. Publicação quinzenal dos alumnos do collegio S. Pedro de Alcantara. Bem escripto, e se não o houvessemos cumprimentado ao darinos a noticia do seu primeiro numero, fal-o-iamos agora. Continuem...

— *Revista de engenharia*. Anno VIII, n. 140.  
— *Brazil Federal*, n. 5. Goyaz; órgão do grupo republicano.

— *Discurso* proferido na camara dos deputados em 24 de Maio de 1886 pelo Dr. Franklin Doria.

— *Revista de Guimarães*, vol. III, fasc. n. 3.

— *A Illustração* n. 10, 3º anno. Se nos fosse possível dizer alguma cousa sobre o que sentimos ao ver e ler cada numero d'esta excellente publicação, merecer-nos-ia o n. 10 alguns adjectivos que ainda não tivessemos usado.

Traz este numero duas magnificas gravuras de dois quadros ora expostos no *Salon*; a primeira a *Orpha*, de Henner, é deliciosa; a segunda é *O acordar de Julieta*, de Albert Maignan, é empougnant. A chronica feita por Mariano Pina, é o que costumam ser as chronicas d'este espirituoso jornalista, que nella trata do drama em verso, *Germano*, do Sr. Abel Acacio, drama este que não chegou a subir á cena; é uma verladeira critica, pois que o auctor d'ella, confessando-se amigo do dramaturgo, não deixa de lhe apontar sinceramente os defeitos do seu trabalho.

Além d'esse, ha um outro artigo critico de *Figaro* e bonitos versos de Joaquim de Araujo — *Fabulas de Lafontaine*, fasc. 3; vol. 1. «O leão e os outros animais», por Fernando Leal; «o bebado e sua mulher» por E. A Vidal; «o leão que vai á guerra» por Filinto Elycio. — *O Mequetrefe*, n. 499. Espirituoso como sempre.

## ANNUNCIOS

## COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

## ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Cafe Oriente*, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25  
9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

## CLUB OLYMPICO GUANABARENSE

NICTHEROY

29 RUA DE SANTA ROSA 29

## PROGRAMMA

DA

QUINTA CORRIDA, A REALIZAR-SE  
NO DIA 4 DE JULHO DE 1886

- 1º pareo—160 metros—Corrida rasa para meninos de 7 a 12 annos, com vantagens. — Premio: Uma medalha de prata — 10 inscriptos.  
2º pareo—150 metros—Corrida rasa para socios que ainda não levantaram premio. — Premio: Uma medalha de prata e ouro — 12 inscriptos.  
3º pareo—840 metros—Corrida rasa para homens, com vantagens— Premio: Uma medalha de ouro — 23 inscriptos.  
4º pareo—130 metros—Corrida rasa para meninas de 7 a 13 annos, com vantagens. — Premio: Uma medalha de ouro — 8 inscriptos.  
5º pareo—280 metros—Corrida rasa para moços de 13 a 15 annos, sem vantagens. — Premio: Uma medalha de prata dourada — 8 inscriptos.  
6º pareo—1.120 metros—Velocipedes para meninos, com vantagens.— Premios: Uma medalha de prata dourada — 7 inscriptos.  
7º pareo—300 metros—Corrida rasa para homens, sem vantagens.— Premios: Uma medalha de prata dourada — 11 inscriptos.  
8º pareo—4.000 metros—Velocipedes para homens, com vantagens — Premio: Uma medalha de ouro — 3 inscriptos.  
9º pareo—1.000 metros—Corrida rasa para homens, com vantagens. — Premio: Uma medalha de ouro com brilhantes—20 inscriptos.  
10º pareo—150 metros—Corrida com obstaculos, para homens, com vantagens. Premio: Uma medalha de prata — 15 inscriptos.

O primeiro pareo terá lugar ás 11 horas precisas, e nenhum direito terão a reclamações os Srs. inscriptos, se não comparecerem no edificio social a tempo de tomar parte no referido pareo.

O 1º SECRETARIO, J. DE CASTRO

Haverá bonds e barcas a toda hora.

# JOCKEY-CLUB

## PROGRAMMA DA SEGUNDA CORRIDA

### A EFFECTUAR-SE NO PRADO FLUMINENSE

### DOMINGO, 4 DE JULHO DE 1886

### TRANSFERIDA DE 13 DO PROXIMO PASSADO

**1º pareo — (às 11 3/4 horas) — YPIRANGA — 1.800 metros — Animaes nacionaes de 3 annos — Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro**

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Sybilla.....	Zaino.....	3 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Aurora.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga
4	Diva.....	Idem.....	3 »	R. de Janeiro.	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

**2º pareo — (às 12 1/2 horas) — 1º CRITERIUM — 1.300 metros — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos, de meio sangue — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro**

1	Monitor.....	Vermelho....	2 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Flotsam.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	A.
3	Plutão II.....	Douradilho..	2 »	Idem.....	50 »	Azul e grénat (velludo)....	Lazaro e Lima.
5	Pip.....	Pampa.....	2 »	Idem.....	50 »	Azul e branco.....	B. V.
6	Tamoyo.....	Castanho....	2 »	Idem.....	50 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança

**3º pareo — (à 1 hora) — GUANABARA — 1.800 metros — Animaes nacionaes de 4 annos e mais — Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro**

1	Sylvia II.....	Alazão tost..	4 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	54 »	Verde e ouro.....	L. da Costa.
4	Boreas.....	Castanho....	4 »	S. Paulo.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

**4º pareo — (à 1 3/4 horas) — INTERNACIONAL — 1.800 metros — Animaes de qualquer paiz, de puro sangue, até 4 annos — Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro**

3	Cheapside.....	Alazão.....	3 annos	Inglaterra....	48 kilos	Encarnado, branco e ouro.	Coudelaria Paulista.
4	Phrynéa.....	Castanho....	4 »	Idem.....	50 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
5	Speciosa.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
7	Fanfaron.....	Idem.....	4 »	França.....	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
8	Gaudriole.....	Castanho....	3 »	Idem.....	48 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.
9	Scylla.....	Idem.....	3 »	Inglaterra....	48 »	Azul e ouro.....	Idem idem.

**5º pareo — (Supplementar — (às 2 1/2 horas) — FERREIRA LAGE — 1.450 metros — Animaes nacionaes de meio sangue — Premios: 500\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro. — Inscripção, 25\$000.**

1	Favorita.....	Baio.....	2 annos	R. de Janeiro.	46 kilos	Verde e ouro.....	José Maria Savary.
2	Ivon.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	50 »	Azul e manchas eucarnadas	C. P.
3	Peralta II.....	Castanho....	3 »	Idem.....	50 »	Preto, branco e encarnado.	Idem.
4	Catana.....	Douradilho..	3 »	S. Paulo.....	48 »	Preto e encarnado.....	J. W.
5	Saltarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	54 »	Geranium e ouro.....	Idem.
6	Intima.....	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
7	Paulicéa.....	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Encarnado, branco e ouro..	Coud. Paulista.
8	Aurelia.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Azul e grénat.....	Antonio E. Oliveira.
9	Aranha.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
10	Nicoafi.....	Castanho....	3 »	Paraná.....	50 »	Azul e branco.....	J. P.

**6º pareo — (às 3 1/4 horas) — 2º CRITERIUM — 1.300 metros — Poldros e poldras nacionaes, de 2 annos, ate puro sangue — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.**

1	Monitor.....	Vermelho....	2 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Putus.....	Idem.....	2 »	Idem.....	52 »	Idem.....	Idem.
3	Flotsam.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	A.
4	Judia.....	Tordilho neg.	2 »	Paraná.....	49 »	Azul e ouro.....	A. S. S.
5	Hyppomenes.....	Alazão.....	2 »	R. de Janeiro.	50 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
6	Feticieira.....	Idem.....	2 »	Idem.....	49 »	Rosa e grenat.....	Coudelaria Modestia

**7º pareo — (às 4 horas) — JOCKEY-CLUB — 2.000 metros — Animaes de qualquer paiz — Premios: 1:500\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro**

1	Plutão.....	Alazão.....	6 annos	França.....	54 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Bolivar.....	Zaino.....	6 »	Idem.....	56 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.
3	Dr. Jenner.....	Idem.....	3 »	Rio da Prata.	50 »	Grénat e boné ouro.....	Raul de Aguiar.
5	Charybdes.....	Castanho....	3 »	Inglaterra....	48 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

**8º pareo — (às 4 1/2 horas) — MAJOR SUCKOW — 1.609 metros — Animaes nacionaes de meio sangue — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro**

1	Druid.....	Tordilho.....	3 annos	R. de Janeiro.	54 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
2	Guanaco.....	Alazão.....	7 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga
3	Biscata.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Azul e encarnado.....	Coud. Santa Cruz.
4	Bayoco.....	Castanho....	4 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Bonita.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e encarnado.....	J. Machado.

**OBSERVAÇÕES — Os animaes inscriptos para o 1º pareo devem achar-se no ensilhamento às 10 3/4 horas em ponto.**

**J. MADUREIRA, 1º secretario.**